Sobre o *troumatisme*

Daniela Scheinkman Chatelard

a) do tempo

Tempo: é preciso. "É preciso tempo para fazer-se ser"[1]. Se é preciso tempo, é porque uma psicanálise acontece por uma suposição. Ela consegue "desfazer pela palavra o que se fez pela palavra": eis a transmissão de Jacques Lacan em seu seminário *O momento de concluir*. O tempo interroga a psicanálise, o tempo é interrogado pelos psicanalisandos, o tempo questiona o ser falante, o ser do tempo, *o ser-para-morte* (Heidegger)[2]. "Minha experiência não toca o ser a não ser para fazê-lo nascer da falha que produz o ente ao se dizer[3] [...] é assim que o inconsciente se articula do que do ser vem ao dizer".

O trauma se encontra ainda nos primórdios da teoria psicanalítica e sofrerá certos deslocamentos: do trauma factício, de sedução, Freud dará cada vez mais lugar privilegiado à fantasia, esta vindo, com efeito, entrelaçada ao trauma. Assim, da ferida primeira, do corte inaugural, do trauma vivido num tempo ainda originário no ser, uma re-significação é construída no *só-depois*. A fantasia fusionada ao sintoma é oriunda dessa ferida no ser faltante, no *des-ser* (*desêtre*). A fantasia surge no *falsus* do sintoma e é a "causa de que a análise se sustenta no processo de verificação que faz seu ser"[4]. Em *As Confissões*[5], Santo Agostinho se refere à *experiência vivida*, manifestando-se no entrelaçamento da temporalidade entre o passado, o presente e o futuro. Ao interrogar sobre o ser, é no tempo que Heidegger busca respostas sobre o *Dasein*, o "ser-aí". O *ser-aí* é situado numa trama temporal: no passado sob a forma do "ser-sido", isto é, a maneira como o *Dasein* volta ao passado; o "por vir" ou devir, isto é, uma antecipação no presente num tempo ainda a advir; e, enfim, o "estar em situação" se refere ao presente.

O primeiro tempo do sintoma fora fundido à fantasia. Vindo, de fato, como resposta ao traumatismo sexual e aos primeiros roteiros fantasmáticos, o sintoma se estabelece como uma coalescência às cenas primitivas e fantasmáticas de acordo com as quais o sujeito modelou e fixou seu modo de gozo e enquadrou sua fantasia. É o resultado que vai do traumatismo sexual

[1] Lacan. Radiophonie (1970, p.78).

[2] A temática sobre o tempo na clínica com o *infans* foi objeto de trabalho de outro artigo de minha autoria, apresentado no *IV Encontro nacional sobre o bebê*. Cf. Chatelard (2004)

[3] Lacan. Radiophonie (1970, p.80).

[4] *Ibid*, p. 79.

[5] Santo Agostinho. *As confissões* (1970, Livro 11).

à fantasia que veste o sujeito que lhe dá seu estofo e se metamorfoseia em sintoma.

Com Lacan, chegamos à noção de que o que é traumático no *ser falante* é a linguagem. Por um lado, temos a linguagem, o furo feito pela linguagem no texto do sujeito. Ou seja, a linguagem faz uma fissura do que até então era puro gozo pulsional, criando assim um lugar vazio a ser encontrado incessantemente no movimento desejante do sujeito. Por outro, temos o que foi extraído desse texto para sempre perdido: o objeto, o ser do sujeito. Se tomarmos a tradição filosófica relativa ao discurso e à linguagem, verificaremos que Aristóteles foi "o primeiro a romper o vínculo entre a palavra e a coisa e a elaborar uma teoria da *significação*, isto é, a um só tempo da separação e da relação entre a linguagem como *signo* e o ser como *significado*"[6]. No campo da psicanálise, o *cogito*: "Penso, logo existo" significa que o "pensamento só funda o ser ao se ligar na fala, quando toda operação toca a essência da linguagem"[7].

A perda de gozo em razão da incidência da linguagem no corpo é o que, com Lacan, chamamos castração. O corpo como produto da linguagem; a linguagem que opera sobre o organismo e que faz um corpo: *Corpsification*[8] diz respeito à incidência da incorporação da linguagem sobre a libido e o gozo. O corpo é marcado pelo simbólico.

Tempo é preciso para que a elaboração do traumático se constitua numa psicanálise. Tempo que marca uma ruptura no ser temporal e histórico no a-temporal do sujeito do inconsciente. Marca uma ferida e funda o tempo do traumático na *falácia* do ser. O *Dasein*, como o *ser-aí*, se faz presente *em si*. O trabalho do tempo do traumático é vivido na experiência, está presente no tempo analítico e é atualizado na transferência. A atualização desse tempo de outrora, tempo em que a mãe não mais atende de imediato à demanda do bebê; há aí um tempo de espera. Os intervalos comparecem e, com eles, surgem as primeiras frustrações marcando, escandindo o tempo subjetivo em sua existência com o Outro.

Em termos temporais, sabemos o quanto é precioso para a psicanálise a referência ao *futuro anterior*, no *só-depois* da elaboração simbólica. "Esse *futuro anterior* é percebido no instante do presente, como tendo sido antecipado"[9], como aquilo que foi criado no anterior, cuja marca ficara registrada, mas já transformada pelo ser do tempo. O tempo do *só-depois* traz para o sujeito a oportunidade de se libertar de uma *fixação* de sentido antecipadamente colocada em sua história como tendo sido objeto do desejo do Outro. O tempo para compreender impli-

[6] Aubenque. *Le problème de l'être chez Aristote* (1994, p. 99-100).

[7] Lacan. La science et la vérité (1966, p. 865)

[8] Lacan. Radiophonie (1970, p. 61)

[9] Boons-Grafé. Interrogando os tempos da psicanálise (1999, p. 194)

ca o tempo para a passagem ao simbólico. Os diversos desvios e contornos sucessivos permitem ao sujeito progredir em direção ao registro simbólico. Assim sendo, essa assunção falada de sua história lhe permite "reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades por vir"[10]. É preciso tempo! Lacan já nos dizia: é preciso tempo para se chegar ao momento de concluir!

[10] Lacan. Função e campo da palavra e da linguagem na psicanálise (1988, p. 257)

Estamos falando do surgimento de uma subjetividade que vai acontecendo segundo os tempos *futuro anterior* e *a posteriori* – tempos que retornam na própria prática psicanalítica. No surgimento desses dois tempos inscreve-se a fundação de uma constituição subjetiva a partir do investimento de um Outro num duplo movimento pulsional. O *Um* não se constitui sem a presença do Outro; o Outro não existe sem o *Um*. O hetero advém do homo ao introduzir a diferença, a *separtição. A anatomia é o destino*, lembrando a etimologia do termo ana-tomia, em sua função de corte do corpo. É essa primitiva *separtição*, "não separação, mas partição no interior"[11], que desde a origem está no nível da pulsão oral como demanda mas que estrutura o desejo.

[11] Lacan. *O seminário: A angústia* (1962-1963), (Inédito, aula de 5 de dezembro de 1962).

b) do mito à estrutura

Até esse ponto articulamos a noção do ser com o tempo, sendo esse entrelaçamento o princípio de uma constituição subjetiva que vem em conseqüência de uma ferida inaugural no ente. Agora, entramos na segunda parte de nossa elaboração com a passagem do mito à estrutura, do mito como necessidade à fundação de um funcionamento estrutural.

Os mitos infantis desembocam numa necessidade estrutural que traz consigo a expressão de uma verdade que se tornará, com a operação do recalque, uma meia-verdade sob forma de ficção. Relembrando Heidegger acerca dos temas da vida e da morte, esse movimento faz perceber, diz Lacan, a relação com a existência e a não-existência, isto é, o aparecimento daquilo que ainda não existe[12], mas que, mesmo assim, são temas já ligados à existência do sujeito e aos horizontes que sua experiência lhe traz quanto às questões da origem, do sexo e da morte. Aqui se encontra a atividade mítica empregada pela criança que, num tempo posterior e num movimento retroativo, participará de sua estrutura. A criação mítica da criança a prepara para seu funcionamento estrutural. Dessa ligação mítica primária em relação ao objeto de amor, a criança funda um primeiro logro intersubjetivo.

[12] Lacan. *O seminário – livro 4: A relação de objeto* (1956-57), (1994, p.254).

Nessa passagem à estrutura, faz-se necessária a passagem pela fase do espelho, que tem papel fundamental na imagem do sujeito na dialética com o Outro. Esse espelho é oferecido pelo Outro. Ao rodar a cabeça, o bebê encontra nesse movimento o suporte do olhar do outro semelhante e também encontra, através dessa imagem, seu reflexo, reflexo no entanto falacioso. Pois esse Outro está num "lugar que se situa em relação a uma imagem que se caracteriza por uma falta (...) e que o desejo está ali, não só velado, mas essencialmente colocado em relação com uma ausência". O objeto como objeto *a* vem preencher na fantasia o lugar marcado por uma ausência, e nesse lugar algo pode aparecer sob a forma de –φ, que é "a angústia, e a angústia de castração em sua relação com o Outro"[13]. O tempo marcado por uma inquietante estranheza entra em cena justamente quando algo em concordância com a castração ameaça o sujeito enquanto angústia de castração. O que se encontra aí é a dialética entre o –φ e o objeto *a*, o primeiro como representante de uma perda e o segundo tendo a consistência dessa perda em que há mais-de-gozar, pois o -φ vem simbolizar o que falta à imagem. A angústia surge onde a falta comparece, isto é, quando algo deve permanecer na sombra e dela sai.

[13] Lacan. *O Seminário X: a angústia*, (1962-1963), (Inédito, aula de 5 de dezembro de 1962)

No tempo marcado pela percepção e pela subjetivação da falta, de uma perda de gozo, da castração, o traumático que fere o ser é a percepção do outro sexo, é o que a experiência da perda introduz e engendra como conseqüência na alteridade do homo, do mesmo. A incidência da alteridade introduz a singularidade, a diferença, o desejo para além da imagem especular. Questões clínicas relativas ao temor da perda de amor ou à devastação do ser feminino como conseqüência de um abandono ou decepção do parceiro de amor são demandas que podem levar o sujeito a buscar uma psicanálise. E se uma experiência psicanalítica se instituir como tal, ela poderá conduzir o sujeito a um ponto de basta quanto às suas compulsões de repetição. Ponto de basta que incide na repetição de um antigo amor, de uma antiga forma de amar e de receber o amor que é atualizado sob transferência. Uma nova forma de amor é prometida no horizonte de uma experiência psicanalítica, uma promessa lhe é oferecida. Seria a promessa de um novo amor mas, dessa vez, de um amor endereçado ao saber e que seja da ordem de uma transmissão que transcenda o sentido. Eis a única promessa que uma psicanálise pode oferecer, a de um novo amor, e não a de uma felicidade. Assim, *amódio*, seja pela devastação, vertente do trágico, seja pelo riso, vertente do cômico, o que aí está em jogo é a posição do ser ante a existência, sua

perspectiva e percepção que ordenam e norteiam suas escolhas, relações e interações. A estrutura que ordena o desencadeamento de uma história do vivido, seja de uma tragédia ou de uma comédia, obedece ao desencadeamento das estruturas míticas, da ordenação de uma estrutura ainda mítica. No surgimento da estrutura, o que comanda é o ordenamento do mito que é retomado na estrutura psíquica.

Ora, essa estrutura do mito se apresenta ainda sob a forma cíclica da ordem cosmológica: o nascimento, a morte e o renascimento. Uma estrutura que parte do *caos* em direção ao *kosmos*, em outras palavras, que vai da desordem à ordem. Na estrutura literária, justamente, essa seqüência se reproduz sob a forma de ordem, desordem e ordem. Com a segunda ordem não sendo mera reprodução da primeira, o sujeito já traz em seu retorno a inscrição de um traço novo. Eis como Shakespeare, em *Sonho de uma noite de verão*, descreve esse ciclo cosmológico:

> Os mortais humanos ficaram sem seus festejos de inverno, e agora nenhuma noite recebe as bênçãos de um hino ou de um cântico. Por isso, pálida de raiva, a lua, governante das marés, molha o ar que se respira e faz aflorar em grande número as corizas e as doenças reumáticas. E ao longo desse tempo destemperado vemos as estações alterando-se: grisalhas e gélidas geadas caem no colo ainda quente da rosa mais vermelha; nos cabelos ralos e poucos nevados daquele velho senhor, o Inverno, assenta-se uma coroa perfumada das doces florzinhas de verão, como se fosse zombaria; a primavera, o verão, o outono fecundo, o furioso inverno, mudam seus trajos costumeiros; e o mundo, desnorteado com o que produz cada estação, sequer sabe qual é qual. E uma igual proliferação de males nasce de nossas brigas, de nossas desavenças. Somos pais e origem desses males.[14]

[4] Shakespeare. *Sonho de uma noite de verão* (2004, p. 30-31)

Da *phýsis*, sendo àquilo que brota, é que surge o *lógos* – a expressão do pensamento e da linguagem do ser.

Em conclusão, o que posiciona o ser numa estrutura mais trágica ou mais cômica é o seu posicionamento perante a existência. Na psicanálise, não há como separar o tragicômico de cada existência, ou seja, a escolha de reordenar certos momentos existenciais pode ser feita partindo da morte para o renascimento, ou do renascimento em direção à morte. Eis o *Dasein* do tragicômico do gênero dramático humano, que con-

duz o ser em seu movimento como *des-ser* a "desfazer pela palavra o que foi feito pela palavra"[15] e a ir em direção a uma reconstrução não de sentido, mas de um novo amor, ou seja, ter vivido na transferência a existência de um novo amor.

[15] Lacan. *Le séminaire Le moment de conclure* (1977-78), (Inédito, aula de 15 de novembro de 1977).



referências bibliográficas

AUBENQUE, Pierre. *Le problème de l'être chez Aristote*. PUF: Paris, 1994.

BOONS-GRAFÉ, Marie-Claire. Interrogando os tempos da psicanálise. Conferência transcrita na *Revista da Escola da Letra Freudiana*. Rio de Janeiro, n°25, 2001.

CHATELARD, Daniela Scheinkman. O desejo do psicanalista em antecipação? In: CATÃO, Ines *et al.* (org.). *O bebê, o corpo e a linguagem*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LACAN, Jacques. La science et la vérité. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *O Seminário X: A angústia* (1962-1963). Inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 4: A relação de objeto* (1956-57). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

LACAN, Jacques. Função e campo da palavra e da linguagem na psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. Radiophonie. *Scilicet*. Paris, n. 2/3, 1970.

SANTO AGOSTINHO. *As confissões. Livro 11*. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Ediouro, 1970.

SHAKESPEARE, Willian. *Sonho de uma noite de verão*. Porto Alegre: LPM Pocket, 2004.

resumo

Da incidência da linguagem no corpo se resulta uma perda de gozo. A partir dessa operação da castração, podemos abordar o traumático na psicanálise e suas incidências no corpo fantasmático, sintomático e, assim, pulsional. O corpo como produto da linguagem; linguagem que opera sobre o organismo e que faz dele um corpo.

abstract

The incidence of language in the body results in a loss of enjoyment. This moment of castration offers a starting point for the psychoanalytical examinination of the traumatic and its incidence in the phantasmatic and symptomatic bodies and, accordingly, the driving body. The body can be seen as a product of language; when language acts on the organism, a body comes into being.

palavras-chave

trauma, tempo, linguagem e gozo.

keywords

trauma, time, language and enjoyment

recebido

20/02/2005

aprovado

15/04/2005